

## AS CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE E O PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gláucia Fabri Carneiro Marques  
UFJF  
gluciafcm@hotmail.com

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar os resultados de uma pesquisa de Mestrado em Educação finalizada em 2010, que procurou investigar as condições do trabalho docente e sua interferência no processo ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para o alcance do objetivo central, realizou-se inicialmente um levantamento da produção de estudos referentes ao trabalho docente e às condições de trabalho do professor a partir da década de 1990 no Brasil e na América Latina. Entre os estudos encontrados podem ser citados, entre outros, os estudos de Dourado; Codo; Carlotto. Com o propósito de articular o campo teórico do empírico, esse estudo também se baseou em três fontes de dados. A primeira refere-se a dados primários, levantados no âmbito desse estudo, através de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas com professor e coordenador de duas escolas de um município mineiro, (uma da rede estadual de ensino e outra da rede municipal) e com uma representante sindical de cada rede de ensino. As outras duas fontes são secundárias e referem-se respectivamente à pesquisa interinstitucional e ao Censo Escolar. Os resultados obtidos com a realização desse estudo indicam a importância das condições de trabalho para o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. No âmbito escolar, destaca-se a questão referente ao espaço físico da escola. Nos aspectos relacionados à carreira docente destaca-se o número de escolas em que o professor trabalha. Além de o processo ensino-aprendizagem sofrer interferência das condições de trabalho do professor, observou-se que a saúde docente, condição primeira para a efetivação do trabalho, não pode ser desvinculada das discussões relacionadas à qualidade do processo escolar.

**Palavras-chave:** Condições de trabalho docente; Processo ensino-aprendizagem; Qualidade do ensino

## Introdução

O interesse pelo tema *condições de trabalho docente* surgiu com as primeiras experiências que tive ao iniciar minha trajetória profissional como educadora. As dificuldades em conciliar a teoria que havia estudado nos cursos de Magistério e Pedagogia com a prática que desenvolvia na escola originaram as primeiras reflexões em torno das condições de trabalho.

Com o passar do tempo outras experiências foram somadas a essa e tornou-se possível perceber que alguns elementos relacionados às condições de trabalho variavam de acordo com a escola em que lecionava e que isto interferia em alguns aspectos da minha prática de ensino.

Além da experiência como fonte geradora da questão principal desse estudo, também contribuiu com esse interesse a percepção, constatada através de relatos de funcionários da Secretaria Municipal de Educação e de dirigentes do Sindicato dos Professores (SINPRO), de que nos últimos tempos, na rede municipal de ensino, o número de atestados médicos apresentados por professores teve uma elevação considerável. Fato que tem suscitado discussões entre Secretaria e Sindicato sobre as causas desses afastamentos.

O amadurecimento acadêmico dessas questões foi desenvolvido através da **minha** participação no grupo de pesquisa “Formação de Professores e Políticas Educacionais”<sup>1</sup>. A inserção no grupo possibilitou o conhecimento de diversas pesquisas desenvolvidas na América Latina e no Brasil sobre as condições de trabalho do professor.

Os conhecimentos práticos adquiridos através da experiência profissional aliados às bases teóricas estudadas no grupo de pesquisa, originaram as seguintes questões de estudo: *Em que condições o trabalho docente está sendo desenvolvido nas escolas da rede pública? Como essas condições interferem no processo ensino-aprendizagem?*

---

<sup>1</sup> - Grupo de pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, registrado no CNPQ, que estuda a formação docente e sua relação com o mundo do trabalho, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria da Assunção Calderano.

Para o desenvolvimento deste estudo, estabeleceu-se como **objetivo geral** conhecer as condições do trabalho docente em seu contexto de atuação, considerando os diversos aspectos que se relacionam com o desenvolvimento da atividade de ensino.

A fim de alcançar esse objetivo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um professor e um coordenador pedagógico de duas escolas – uma da rede estadual e uma da rede municipal. Além desses sujeitos, foi entrevistado um representante sindical de cada rede pública envolvida – estadual e municipal - para ampliar a análise sobre as condições de trabalho referentes à rede de ensino.

Tanto os objetivos quanto o foco de atenção do presente estudo, apresentam interface com outra pesquisa<sup>2</sup> realizada no contexto de cinco cidades mineiras. Esta aproximação, ao possibilitar a realização de múltiplos olhares, enriquece as análises relacionadas ao foco principal da presente pesquisa, que se dedica a analisar enfaticamente as condições de trabalho docente. A riqueza de dados fornecida pela pesquisa interinstitucional auxilia na compreensão de fatores que compõem o cenário de tais condições, podendo apresentar graus diferentes de relação interna.

No levantamento de estudos e pesquisas que abordam o tema condições de trabalho, encontrou-se uma gama considerável de aspectos relacionados às condições de trabalho docente, tornando-se necessária a escolha de variáveis centrais dentre a diversidade encontrada. Assim, na dissertação, foi delimitado o conjunto de nove<sup>3</sup> variáveis, mas no presente artigo serão analisadas três variáveis: o número de escolas em que o professor trabalha; dependências escolares e a saúde do professor. Sem ter a pretensão de esgotar as discussões em cada variável, por entender que cada uma encerra em si a possibilidade de diversos estudos, buscaram-se elementos que contribuíssem

---

<sup>2</sup> "A formação, o trabalho dos docentes que atuam no ensino fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado". Essa investigação contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e foi desenvolvida, sob a coordenação de Calderano (2008) no decorrer de 2009, em cinco cidades de Minas Gerais (Juiz de Fora, Belo Horizonte, Viçosa, São João Del Rei e Mariana). Para tanto contou-se a colaboração de professores vinculados a seis Instituições de Ensino Superior: Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG, Universidade Federal de Viçosa - UFV, Universidade federal de São João Del Rei - UFSJ e Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP.

<sup>3</sup> Plano de carreira/salário; vínculo empregatício; número de escolas em que o professor trabalha; condições administrativas; número de alunos em sala; entorno social; equipamentos e materiais pedagógicos; dependências escolares, saúde docente.

com a definição dessas variáveis frente à composição geral das condições de trabalho docente na atualidade.

Outro aspecto que mereceu uma atenção nas análises desenvolvidas foi a saúde do professor, isto porque, em muitos estudos; percebeu-se sua aproximação com o tema condições de trabalho docente.

4

## Desenvolvimento

### Número de escolas em que o professor trabalha

O número de escolas em que o professor trabalha foi analisado a partir dos dados da pesquisa interinstitucional. Na tabela abaixo, observa-se que 59,1% dos professores que atuam no 5º ano do Ensino Fundamental, em escolas públicas de cinco cidades mineiras, trabalham em apenas uma escola. Outros estudos realizados no Brasil também destacam uma porcentagem relevante de professores que lecionam em apenas uma escola. No trabalho da UNESCO (2004), os dados apontam que 58,5% dos professores brasileiros trabalham em apenas uma escola. Neste caso, constata-se a tendência dos professores do sexo feminino, ou seja, a maioria dos que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, trabalharem somente em uma escola.

**TABELA 3- NÚMERO DE ESCOLAS EM QUE TRABALHA ( q 5)**

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulativo
Válido	Em apenas uma escola	136	59,1	59,1	59,1
	Em duas escolas	81	35,2	35,2	94,3
	Em três ou mais escolas	13	5,7	5,7	100,0
	Total	230	100,0	100,0	

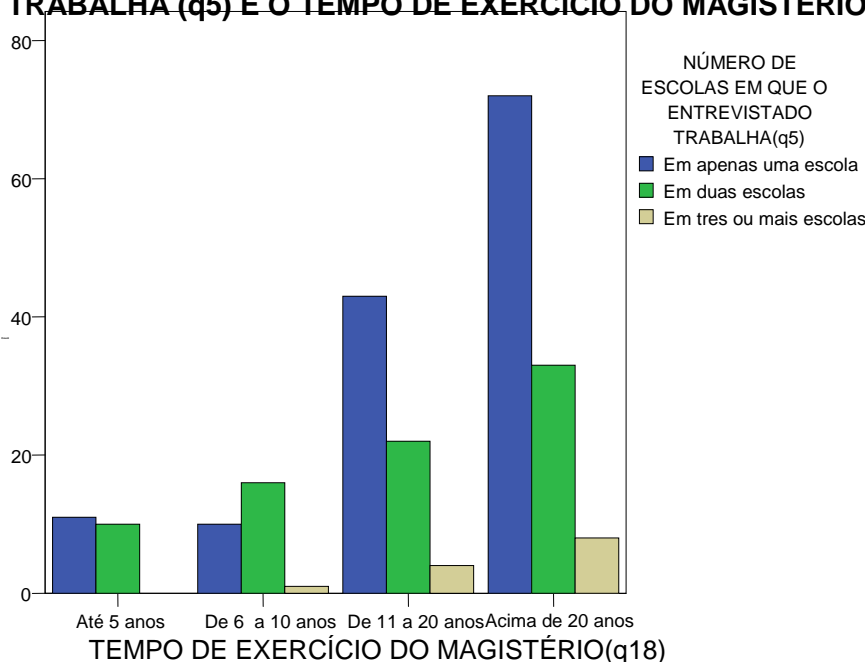
Fonte: A formação do trabalho dos docentes que atuam no Ensino Fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado. Calderano (coord.), 2009.

Outro conjunto de informações relevantes que possibilita uma comparação com os dados obtidos na pesquisa interinstitucional são os que estão contidos na Sinopse Estatística do Professor, divulgada pelo INEP, a partir do Censo Escolar 2007. Neste estudo, o número de escolas trabalhadas pelo professor, pode ser visualizado quando são observados os dados sobre o número de turnos trabalhados pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dos 79 730 docentes que atuam nesta etapa, 72 838 lecionam em apenas um turno escolar, ou seja, cerca de 90 % do total.

Ao observar os dados da pesquisa interinstitucional, sentiu-se necessidade de levantar algumas características dos professores que trabalham em duas escolas. Dentre elas pode-se constatar que na rede estadual de ensino a proporção de professores que lecionam em duas ou mais escolas é maior que na rede municipal. São 47,5% dos professores da rede estadual lecionando em duas ou mais escolas, contra 35,7% dos professores da rede municipal.

Outra característica observada no grupo de professores que lecionam em duas ou mais escolas, foi o tempo de exercício do magistério. Entre os professores que com mais de 10 anos de magistério, a maioria leciona em uma escola. Mas entre o grupo de professores que têm até 10 anos de magistério a maioria leciona em duas ou mais escolas, como pode ser observado no gráfico abaixo. Estes dados podem apontar que os professores estão iniciando mais cedo o trabalho em duas escolas.

**GRÁFICO 2- NÚMERO DE ESCOLAS EM QUE O ENTREVISTADO TRABALHA (q5) E O TEMPO DE EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO (q18)**



Fonte: A formação, o trabalho dos docentes que atuam no Ensino Fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado. Calderano (coord.), 2009.

6

Tanto a pesquisa da UNESCO, citada anteriormente, quanto os dados do Censo Escolar, encontram parâmetros parecidos com os observados na pesquisa interinstitucional, em que a maior parte dos professores dos anos iniciais trabalham em apenas um estabelecimento de ensino, ou em um turno de trabalho. No estudo coordenado por Dourado (2007) sobre a qualidade da educação em documentos e pesquisas de organismos multilaterais como UNESCO/OREALC, Banco Mundial, CEPAL, OCDE, são destacadas dimensões que contribuem para uma educação escolar de qualidade. Em relação ao professor, a dedicação a somente uma escola é destacada como elemento positivo:

Outro elemento importante nas escolas com resultados escolares considerados positivos em termos de aprendizagem dos alunos é

a *dedicação dos professores a somente uma escola*, uma vez que esse fator permite que os docentes dediquem-se mais plenamente às necessidades da escola, dos alunos e da comunidade escolar.(DOURADO, 2007,p.23)

Analisado sobre esta ótica, o número expressivo de educadores que trabalham em apenas uma escola, deveria ser um elemento que contribui para a qualidade de ensino no estado de Minas Gerais. As nuances que se interpõem entre os dados e esta conclusão são diversas. Devido aos baixos salários, este profissional pode aumentar sua renda com tarefas remuneradas fora da escola. Na pesquisa interinstitucional esta é uma realidade para 9,1% dos professores pesquisados, como pode ser observado abaixo:

7

**TABELA 6- SE TEM OUTRA ATIVIDADE REMUNERADA ALÉM DA DOCÊNCIA (q 17)**

		Frequência	Percentual	Percentual Válido
Válido	Tenho, na área de educação	36	15,7	15,7
	Tenho, mas não é na área de educação	21	9,1	9,2
	Não tenho outra atividade	172	74,8	75,1
	Total	229	99,6	100,0
Missing	Não respondeu	1	,4	
Total		230	100,0	

Fonte: A formação do trabalho dos docentes que atuam no Ensino Fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado. Calderano (coord.), 2009.

Uma das atividades remuneradas exercida pelos professores, já relacionadas em outras pesquisas, é a venda de produtos artesanais na escola. Este é o caso da professora L que trabalha em apenas um turno de trabalho e vende bijuterias na escola: “faço um pouco de trabalhos de bijuteria artesanal. Eu vendo na escola e vendo para amigos, e parentes e afins.”(Professora L)

Através da amostra de escolas desenhada e utilizada pela pesquisa interinstitucional é possível ampliar as reflexões que se relacionam com a qualidade de

ensino e o trabalho docente em apenas uma escola. Para retomar o procedimento utilizado será citado o principal critério adotado para a seleção da amostra:

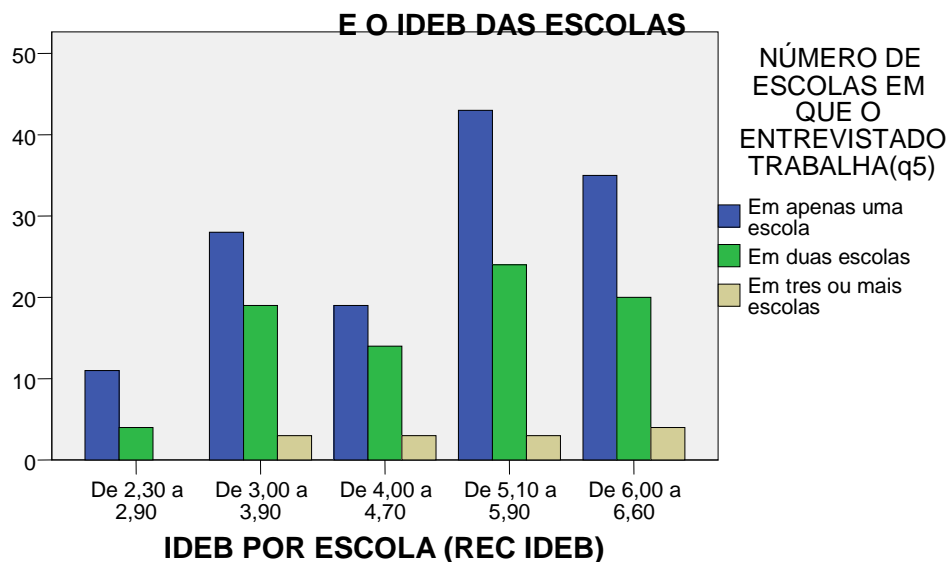
[...]procurou-se em cada cidade, identificar as escolas das redes estaduais e municipais que participaram do Ideb 2007, na 4ª série /5º ano do Ensino Fundamental.[...] Após a realização desse procedimento, foram destacados 10% das escolas que obtiveram os maiores índices e 10% das escolas que obtiveram os menores índices no Ideb /2007.(CALDERANO,2008,p.11)

8

Observa-se, dessa forma, que a amostra pesquisada contemplou escolas com os maiores e os menores índices do Ideb/2007. Ao realizar o cruzamento da questão “Número de escolas em que o entrevistado trabalha” e o Ideb da escola, nota-se que os professores que trabalham em apenas uma escola são a maioria em todos os níveis do Ideb/2007, dos mais baixos aos mais altos.



### GRÁFICO 3- NÚMERO DE ESCOLAS EM QUE O PROFESSOR TRABALHA



Fonte: CALDERANO (coord.). A Formação, o Trabalho dos Docentes que atuam no Ensino Fundamental e a Avaliação Sistemática das Escolas Mineiras: um estudo comparado, 2009.

Isso demonstra que não há correlação visível entre esta característica dos professores (amostra do 5º ano) e os índices alcançados pela escola. Entretanto, o relato de L, enfatiza a dedicação que o professor que trabalha em um único turno de trabalho pode ter:

Eu posso falar isso porque eu trabalho em um horário só agora e estou vendo a diferença que é a gente trabalhar em dois horários e em um horário. A dedicação que você tem ao seu aluno que está naquele horário ali, é o material que você pode fazer, os planejamentos que você pode fazer para aquele aluno a dedicação que você pode ter com um, imagina em dois horários.(Professora L)

Outro aspecto enfatizado por L é a relação salário e número de escolas em que o professor trabalha: “Com relação ao salário do professor, eu acho importante, porque o professor tendo um salário melhor ele vai se dedicar... ele não vai ter dois, três empregos, ele vai se dedicar num horário integral” (Professora L)

Estas considerações reiteram a ideia de que o trabalho docente em apenas uma escola, para fazer a diferença na qualidade do ensino, deve vir acompanhado de outras ações. Um exemplo disto está presente no documento da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), que defende o trabalho docente em uma escola de tempo integral que possibilite:

[...] a concentração do professor em apenas uma escola, com jornada compatível com as responsabilidades[...]com tempo para o estudo, para a preparação de aulas e para o trabalho coletivo com seus pares, com os próprios alunos e os pais e a comunidade do entorno da escola, garantidas as condições de acesso à cultura, às artes e ao lazer.(ANFOPE,2007)

Como pode ser observado, para que o trabalho docente, em apenas uma escola, possa ser condição de qualidade de ensino, ele deve estar acompanhado de diversos outros elementos que componham um quadro de valorização profissional e se traduzam em mudanças reais no cotidiano escolar, para professores, alunos e comunidade escolar.

### **Espaço físico**

De acordo com o relato da professora e da coordenadora, a escola da rede estadual de ensino possuía um espaço físico precário que dificultava o trabalho escolar. Além deste aspecto, a escola sofria diversos arrombamentos e depredações, como pode

ser visto no depoimento anterior, que contribuían para reduzir as possibilidades de um trabalho de qualidade naquele local.

A escola passou por reformas e atualmente está sendo construída uma obra para a ampliação deste espaço. Na percepção de W, estas obras estão trazendo modificações positivas para a aprendizagem escolar dos alunos e para a relação comunidade-escola:

Então, você vê, já tem 6 meses dessa reforma e graças a Deus eles não entraram aqui.[...]As crianças aqui se sentem muito bem. Estão gostando e freqüentam numa boa.. e mudou mesmo. A gente tava com baixo desempenho, esse ano nós não estamos com baixo desempenho, nós estamos à frente do Instituto Estadual de Educação na prova. Então melhorou muito.(W)

A importância do espaço físico da escola como elemento constituinte do processo ensino aprendizagem, como está descrito no relato anterior, é destacada por Frago(1995), que cita Escolano(1993) e Mesmin (1967) para afirmar:

El espacio escolar no es, pues, un “contenedor” ni un “escenario”, sino “una especie de discurso que instituye en su materialidad un sistema de valores (...), unos marcos para el aprendizaje sensorial y motórico y toda una semiología que cubre diferentes símbolos estéticos, culturales y aún ideológicos” (Escolano, 1993, p. 97-120). Es, en suma, como la cultura escolar, de la que forma parte, “una forma silenciosa de enseñanza”(Mesmin, 1967, p. 62-66). Cualquier cambio en su disposición, como lugar o territorio, modifica su naturaleza cultural y educativa. (FRAGO,1995,p. 69)

Outra professora (V), que no momento atua também como representante no Sindicato dos trabalhadores em educação da rede estadual de ensino, afirma sobre o espaço físico das escolas da rede estadual, e cita o exemplo da escola em que leciona:

O estado, a situação caótica, terrível, de muitas escolas da rede estadual. E mesmo aquelas que são consideradas com uma estrutura boa, como a minha, por exemplo, eu trabalho numa escola referência, no centro da cidade. Quando chove, por exemplo, na minha escola tem salas de aula que ficam três dias sem poder funcionar porque chove dentro da sala de aula, ela alaga e fica com três palmos de água. Na sala dos professores nós temos que ficar afastando cadeiras porque escorre pela parede. E a minha escola é considerada central, escola de referência, lá teve uma reforma, não há muito tempo atrás, em 2000.(V)

Na escola da rede municipal o espaço físico é considerado bom pela professora, assim como a sua utilização parece transcorrer de forma devida:

A gente tem um espaço externo muito grande. Além da área de recreação, tem o parquinho, tem quadra, tem duas quadras, tem a parte do lado de fora da minha sala, tem a sala de vídeo, tem a biblioteca, e a intenção é fazer uma outra sala com esses materiais que possam ser utilizados pra gente levar os alunos uma vez por semana pra eles brincarem ou fazer um trabalho. Tem um palco também e tem uma parte que a gente faz de auditório. A escola tem um espaço físico muito bom.(Professora L)

Apesar desta qualificação positiva do espaço escolar, são destacados pela professora alguns entraves: como a falta de um espaço para o trabalho de reforço escolar, também chamado de “laboratório de aprendizagem”. “O laboratório de aprendizagem não... a gente tá querendo abrir um laboratório, mas com relação ao espaço eu acho que não vai ter condição.” (Professora L)

A partir desta contradição convém questionar: O que é um espaço físico muito bom? Será que a professora considera este espaço muito bom em comparação com

outras escolas que apresentam espaço precário? Será que o espaço físico muito bom está relacionado ao tamanho da escola ou ao espaço construído? Se a escola não comporta uma sala de laboratório de aprendizagem, o seu espaço atende às necessidades da escola em termos de processo ensino-aprendizagem?

Apesar da escola da rede municipal ter passado por uma reforma há pouco tempo, observa-se que muitas vezes a demanda de alunos que a escola deve atender anualmente é flutuante e isso se reflete na adequação do espaço físico da escola a esta realidade. Além da variação do número de alunos, ainda há problema de adequação de turnos e turmas, fato que muitas vezes gera uma necessidade de reorganização do espaço. Assim, muitas vezes uma sala para recursos ou para o funcionamento de laboratórios é construída, mas daqui a pouco se transforma em sala de aula. Isto pode ser observado no relato da coordenadora E:

13

Porque todas as salas que tinham na escola a gente tinha que usar para atender a demanda da comunidade, então, esse ano até deu um problema porque íamos ter duas turmas a noite de sete ao nono ano, a comunidade reclamou, fez abaixo assinado e no final eles vão ter que passar as turmas para a tarde. A sala que tava destinada para o laboratório de aprendizagem e para outro projeto a gente não vai ter, então assim, tem o projeto, tem uma professora que fica de manhã e uma que fica à tarde, mas esse ano tava com uma só, ela dividiu os horários. Mas ai além de não ter sala específica, o problema é o seguinte, ela vai duas tarde para aqueles meninos, mas ai não dá, falta professor. Ai a gente não tava marcando para os alunos ir fora do turno mais não, porque ai falta professores todos os dias, é um número de atestado, uma coisa absurda, então assim, a professora que tá no projeto, eu tenho que colocá-la na sala de aula, pode até ser que tenha alguma, tem dia que eu vou para sala, a outra coordenadora vai para a sala. (Coordenadora E)

Além da falta de estrutura para comportar uma sala para o laboratório de aprendizagem, a coordenadora E destaca outros problemas relacionados ao espaço escolar:

Olha a gente tem, por exemplo, as salas, de um lado da escola, a escola é muito grande, de um lado bate muito sol, e tem a quadra, as salas que ficam próximas da quadra, os alunos maiores que vão fazer educação física, ficam na beirada da janela gritando, hum, não deixam o outro assistir aula[...] o ano passado tinha uma professora contratada que não tava nem ai, ai os alunos ficavam soltos, ai ficavam conversando de baixo da janela fazem barulho, e incomoda muito, e tem outra coisa assim, é, que a escola foi feita, é depois, o num terreno muito grande, dá quase um quarteirão inteiro. Então eles fizeram algumas salas e depois foram puxando. Então fica em volta, fez um pátio no meio, a secretaria e tal e em volta são as salas de aula.(Coordenadora E)

14

Este relato aponta para problemas relacionados à iluminação, aquecimento e ruído, que fazem parte dos aspectos ergonômicos do trabalho docente. No relato de E, observam-se dois pontos que contribuem para estes problemas: a disposição da quadra, das salas e do pátio e a metodologia de trabalho dos professores, neste caso, do que leciona Educação Física.

Os funcionários da escola têm um papel muito importante nas questões ergonômicas que envolvem o trabalho docente. Um exemplo, a escola não dispõe de funcionário com formação específica para resolver problemas elétricos como os que são citados por L. A escola tem o ventilador, mas se ele dá um problema, ele fica mais de um mês parado, esperando um funcionário especializado para consertá-lo

[...]quanto à iluminação ela é boa, apesar de que as vezes tem muito sol, calor e o ventilador não dá; não comporta para uma sala de vinte e tantos alunos. Quem está lá atrás sente muito calor, e as vezes o ventilador não gira, está com defeito, e até mandar arrumar passa muito tempo, passa mais de mês, entendeu? Então é mais complicado. Às vezes ele explode também. Aí quando explode, desligam todos os ventiladores com medo de explodir o resto. Aí vem a manutenção, tem que esperar vir uma pessoa para olhar todos porque é perigoso realmente. E a gente sente calor. (Professora L)

A professora (L) observa que o ruído que atrapalha o desenvolvimento das aulas são de origem interna:

Em relação a barulho tem um pouco sim, dependendo da sala que você pega, do lugar que você pega, esse ano eu... a minha situação é mais tranquila porque eu estou... eu não estou perto do lugar onde eles fazem educação física, eu fico mais distante, assim ali não tem recreio junto à minha sala, mas eu já fiquei um ano em muita dificuldade eu fiquei tendo que fechar a porta toda hora porque quando não era o recreio, a hora da merenda eram os meninos maiores e aí era mais difícil quando não era na frente era atrás porque também tinha, porque tinha a parte de educação física atrás, a gente faz um rodízio todo ano a gente muda (Professora L)

15

No relato de L, observa-se que uma das medidas que visam minimizar este problema é a realização de rodízio das salas entre os professores. Mas esta ação é muito limitada, pois fica evidente que sempre alguns professores e alunos serão prejudicados com as salas mais expostas a ruídos.

### **A saúde docente**

Ao analisar a questão da saúde docente é importante citar um levantamento realizado pelo departamento de saúde do servidor da rede municipal de ensino, disponibilizada pelo sindicato, sobre os principais problemas de saúde que ocorreram com os professores da rede municipal, no período de 02/01/2007 a 28/08/2007 registrados na Supervisão de Perícias Médicas. Os problemas estavam relacionados a:

- 40,00% transtornos mentais e comportamentais;
- 37,78% sistema osteomuscular;
- 6,67% sistema nervoso;
- 4,44% aparelho respiratório;
- 4,44% aparelho circulatório;
- 2,22% aparelho digestivo;
- 2,22% endócrinos, nutricionais e metabólicos;
- 2,22% olhos e anexos.

Neste levantamento observa-se a maior ocorrência de transtornos mentais seguido de problemas no sistema osteomuscular.

Nas entrevistas realizadas com as duas professoras, foi possível perceber alguns desses problemas, como os relacionados à pressão alta e depressão:

Um dia eu fui levar o meu marido no médico, e senti um mal estar, Pedi que marcassem um clínico para mim consultar. [...] Quando o clínico foi medir minha pressão tava simplesmente 21 por 13. Ai ele falou assim, “ Você não está sentindo mais nada não?”, eu disse, “Não senhor”. Eu estava desconfortável. Ele colocou um remédio debaixo da minha língua e me mandou fazer um exame um dia seguinte, exame com urgência, [...] e eu disse “não senhor, porque eu estou tendo um infarto?” ai ele disse “ Por enquanto não”. (Professora W)

Eu tive um problema de depressão. Não pela escola, mas por problema pessoal. Porque quando você tem um problema na sua vida pessoal você tem aquele stress. Então envolve escola, envolve trabalho e tem essa mistura.(Professora L)

Um aspecto que fica claro nestes dois relatos é a relação escola-família como agente gerador de tensões. Este ponto está estreitamente relacionado com o papel



desempenhado pela mulher na sociedade. Ela apresenta dupla função: mulher responsável pela organização física e afetiva da casa e mulher que trabalha fora de casa, ajudando ou se responsabilizando sozinha ou não pelo sustento familiar.

O conflito derivado deste acúmulo de tarefas e o desejo de ter um bom desempenho em todas elas, provoca um estado de tensão permanente. Para a professora W, está ficando cada vez mais difícil fazer a conciliação família-escola:

Ansiedade, cansaço, stress, aquela vontade de fazer tudo certo, e junta problema de família ainda. Hoje o professor, não pode ter família. Nós temos que voltar quando o professor era solteiro, que não pode ter filho, não pode ter marido, não pode ficar doente, é exclusivo. Como que fala? É exclusivo da escola, não pode ficar doente. Só pode trabalhar aqui... Eu fico com pena das meninas que estão chegando agora, elas não agüentam levar a vida que a gente leva não, fico com pena delas. (Professora W)

Neste relato observa-se o que Codo(1999) denomina de conflito trabalho *versus* família. De um lado, a escola exige a presença do professor e seu trabalho exige dedicação e afeto. De outro, a família também exige presença e afeto. Fazer a opção apenas por um lado não resolve situação. Na perspectiva de Codo(1999) o estabelecimento de uma nova lógica de convivência na família, através de uma divisão de tarefas, cooperação, companheirismo contribuiria para minimizar este conflito.

Outro problema enfrentado pelos professores são os relacionados à violência. Também foi encontrado na pesquisa de Codo(1999), relação entre a violência e a presença de burnout:

As manifestações de violência nas escolas produzem um efeito de alienação do trabalhador a respeito do seu trabalho, na medida em que agora ele foge do seu controle quase por completo. A alienação como perda de controle sobre seu trabalho leva os educadores ao sofrimento psíquico[...]

manifesta-se como uma desistência perante os desafios cada vez mais agudos do cotidiano. [...] Ele precisa se defender de algum modo da loucura de uma estrutura social violenta, e ele se defende, entra em *burnout*(Codó,1999,p.323).

Além da disciplina e da violência, também a sensação de isolamento para resolver situações problemáticas gera desânimo e sensação de incapacidade

Essa sensação de isolamento pode ser percebida no relato das professoras:

Eu tenho o menino com língua presa, precisando de uma fonoaudióloga, precisando de assistência. Ele começou em, fevereiro, terminou dezembro do mesmo jeito. O muito que o pai dele conseguiu foi agora, há 15 dias, levar ele lá no hospital escola para dar um pic na língua dele, mas ele precisa de acompanhamento. Ele é inteligente, faz as coisas mas ele escreve tudo do jeito que ele fala. Um professor de outra escola pode achar que ele não sabe nada e eu sei que ele sabe. Então, quer dizer, tão descarregando em cima da gente, tão colocando uma culpa em cima da gente, que não é nossa.( Professora W)

A falta de apoio para as necessidades individuais dos alunos, dificultam o trabalho do professor na sala de aula. No exemplo da professora W citado acima, um menino com problemas vocais não consegue avançar no processo de aprendizagem, porque precisa de um tratamento especializado. As famílias, sem recursos financeiros não conseguem arcar com a contratação desses profissionais. O poder público não dispõem de uma rede de serviços especializados para realizar esses tratamentos.

E o aluno? Fica limitado em suas potencialidades. O sucesso da turma no processo de aprendizagem, não é suficiente para o professor se sentir competente se um aluno fica para traz. Mas, por outro lado, com o bom desempenho da turma, o professor alcança a meta prevista....

Um problema que vem de casa que a escola não pode resolver infelizmente. A gente passa muito aperto com isso, crianças mesmo com problemas neurológicos, e você vê que tem um problema sério. Já chamou mãe, às vezes nem vem mãe, vem avó que cuida, a tia vai, você pede, chama a responsabilidade e não adianta. Aí você procura a Secretaria de Educação não consegue. E você quer encaminhar essa criança, [...] Então essa criança volta pra você, é uma criança que vai ser reprovada de novo, isso é um problema sério que a escola tem não é?( Professora L)

19

A sensação de incapacidade frente a problemas que não consegue resolver e a frustração de ver crianças sendo reprovadas seguidamente, sem que se tenha o auxílio devido, pode gerar angústia e adoecimento.

O estudo de Burke(1996) citado por Carlotto(2002) afirma que a relação com os alunos tem sido uma das principais causas de burnout<sup>4</sup>. Outro aspecto citado pelos autores são as que se referem ao excesso de tarefas burocráticas.” O excesso de tarefas burocráticas tem feito com que professores se sintam desrespeitados, principalmente quando devem executar tarefas desnecessárias e não relacionadas à essência de sua profissão.” A fala da professora W expressa essa sensação: “Eu tenho muita saudade de quando eu entrava dentro de sala para dar aula. Porque agora, além de eu ter que dar aula, eu ainda tenho um monte de coisa para preencher para inglês ver.” (Professora W)

Um ponto importante observado nas entrevistas, é como o servidor que adoece tem sido tratado na rede municipal e estadual de ensino.

Na rede estadual há dois aspectos que chamam atenção: o primeiro se refere à perda salarial que ocorre quando o servidor está de licença médica e o segundo é a denúncia dos professores de maus tratos quando são consultados no Ipsemg.

Então cai cerca de vinte e cinco por cento, exatamente quando a pessoa está doente e precisa de comprar medicamento, às vezes para se deslocar tem que pagar táxi, porque não dá pra ir a pé ou

---

<sup>4</sup> De acordo com Codó(1999), o termo *burnout* foi aplicado pela primeira vez no sentido em que usamos hoje, por Freggenbauer em 1974. Na tradução do termo *burnout* para o português, têm-se os significados “perder o fogo”, “perder a energia” ou “queimar completamente”.

de ônibus, e nessa situação o salário dela cai, você acredita? Então é muito comum, muitos professores trabalham doentes, ou então se tiver condição de esperar (se não estiver muito doente) tira umas férias prêmio, o que também tá muito difícil o governo conceder para poder se tratar. Mas é muito frequente trabalhar doente, devido a essa queda de salário. (Representante sindical V)

Uma das marcas do adoecimento docente é o *absenteísmo*, ou falta ao trabalho. Mas de acordo com o relato acima observa-se a ocorrência de outro fenômeno, o *presenteísmo*. Segundo Paschoalino(2009) que utiliza as contribuições de Dew, Keffe e Small(2005), presenteísmo, significa estar sempre presente ao trabalho, porém doente. O relato acima alerta para o crescente número de casos de presenteísmo que também é prejudicial ao trabalho e à saúde docente.

Para o docente cuidar de sua saúde na rede estadual, ainda encontra outros entraves:

IPSEMG esta muito precarizado [...] uma das primeiras medidas que o governador tomou assim que ele assumiu o estado foi retirar uma série de convênios que tinha, suspendeu alguns pagamentos, muitos médicos se descredenciaram, muitas clínicas se descredenciaram, então essa é a primeira dificuldade porque o professor não ganha um salário suficiente para pagar um plano de saúde, ele tem que apelar para instituto para o qual ele contribui, esse é o primeiro e o segundo e a tal de perícia médica, na grande parte dos casos os médicos da perícia não ratificam o que o médico do professor coloca no atestado médico inclusive com insinuações de que é preguiçoso não quer trabalhar.(Representante V)

A constatação de uma síndrome que atinge os professores, como burnout já seria motivo suficiente para a criação de políticas públicas voltadas para a prevenção e tratamento deste transtorno. Ao invés disso, o que se observa no depoimento acima, são tratamentos inadequados, que desrespeitam o professor, reduzindo seus vencimentos, dificultando seu tratamento. Onde está a valorização docente?

## Considerações finais

21

Buscou-se neste estudo analisar as diversas dimensões do que se compreende como condições de trabalho docente, por entender que apenas um aspecto não é suficiente para abarcar a amplitude deste tema. Como o processo ensino-aprendizagem é único fica impossível dissociar o trabalho do professor da aprendizagem do aluno. Isso foi o que ficou mais evidente em todas as dimensões analisadas. Como pode ser observado nesse estudo, o espaço físico é importante para o bom aprendizado do aluno e pelos relatos já citados, ela é fundamental para o bom trabalho do professor.

Ao realizar o levantamento bibliográfico sobre o tema condições de trabalho, encontrou-se uma gama considerável de variáveis que estariam associadas a esta questão. Como recorte conceitual neste trabalho optou-se por delimitar o número de variáveis analisadas ao tema principal de referência - o processo ensino-aprendizagem.

E o que é um trabalho docente de qualidade? É um trabalho que produz satisfação em quem o realiza. É um trabalho que promove o crescimento pessoal e profissional de quem o desenvolve. E os dados trazidos neste estudo demonstram que as condições de trabalho ainda têm contribuído pouco com essa qualidade.

Sobre as condições de trabalho, observa-se que houve um investimento por parte dos governos nos aspectos relacionados à estrutura física das escolas. As duas escolas em que se realizaram as entrevistas para esta pesquisa, passaram por obras recentemente (uma delas – a da rede estadual - ainda está passando por uma ampliação). Além disso, têm ocorrido investimentos para a montagem de laboratórios de informática.

Ficou claro neste trabalho, que há relação da melhoria do espaço físico e melhoria do desempenho escolar. Mas para que o espaço físico possam ser utilizados de maneira adequada, são necessários outros elementos que os tornem funcionais,

como: recursos humanos capacitados e em número suficiente para dar conta das necessidades de cada escola; organização do uso coletivo desses espaços e equipamentos, manutenção e investimento constante; planejamento de obras e melhorias que visem minimizar problemas como ruído, iluminação e aquecimento.

Além destes elementos, observaram-se aspectos que foram inseridos na realidade escolar e que estão contribuindo para o aumento da tensão e do cansaço no cotidiano escolar como o número cada vez maior de professores que estão iniciando a carreira trabalhando em mais de um turno.

Neste contexto, se mostra digno de preocupação o número crescente de casos de adoecimento entre os professores. Esta situação está merecendo ter um tratamento especial no interior das políticas públicas. Uma das formas de reduzir estes números é trazer modificações positivas nas condições de trabalho docente. Como afirma Assunção (2003, p.91) “As condições de trabalho portam as marcas de uma relação de forças e dos da sociedade em que elas são geradas e exprimem de modo determinado a sociedade da qual faz parte”.

Discutir qualidade do ensino, é discutir qualidade de vida de professores e alunos no interior da unidade escolar. Se o importante é oferecer uma educação de qualidade para todos, que possa ser comparada à dos países desenvolvidos, se faz necessário investir financeiramente na educação, implementando modificações na escola enquanto espaço de desenvolvimento humano e profissional.

## Referências

ANFOPE. **A ANFOPE e o plano de desenvolvimento da educação e a formação de professores**, 2007. Disponível em [www.sintese-se.com.br/docs/pde\\_debate.doc](http://www.sintese-se.com.br/docs/pde_debate.doc) Acesso em 15 de outubro de 2008.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila. *Saúde e mal-estar do trabalhador docente. Texto apresentado no VII Seminário Redestrado – Nuevas Regulaciones en America Latina. Buenos Aires, 3, 4 e 5 de julho de 2008*

CALDERANO, Maria da Assunção. **A formação, o trabalho dos docentes que atuam no ensino fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado.** Projeto de pesquisa aprovado na FAPEMIG. 2008

CARLOTTO, Mary Sandra. **A síndrome de Burnout e o trabalho docente.** Psicologia em estudo [online]. 2002, vol.7, n.1, pp. 21-29. ISSN 1413-7372. doi: 10.1590/S1413-73722002000100005

CODO, Wanderley & VASQUEZ-MENEZES, Ione. **Retratos da Escola 2-** Como estão nossas escolas e nossas crianças. CNTE, 2001. Disponível em: [www.cnte.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=74&Itemid](http://www.cnte.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=74&Itemid)

\_\_\_\_\_, Wanderley (Coord.) **Educação: carinho e trabalho.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999

DOURADO, Luiz Fernando (Coordenador ). **A qualidade da educação : conceitos e definições** – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

FRAGO, Antônio V. Historia de La educación y historia cultural. **Revista Brasileira de Educação**, nº 0, set./dez. 1995

INEP, Estatísticas dos professores no Brasil, 2003  
[www.sbfisica.org.br/arquivos/estatisticas\\_professores\\_INEP\\_2003.pdf](http://www.sbfisica.org.br/arquivos/estatisticas_professores_INEP_2003.pdf) -

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Geografia da Educação Brasileira.** Brasília: INEP, 2002.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudios e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.  
**Sinopse Estatística sobre o professor – Censo Escolar 2007** Brasília: INEP, 2009

MARQUES, Gláucia Fabri Carneiro. **As condições de trabalho docente e o processo ensino-aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.** Dissertação de Mestrado em Educação. UFJF. Juiz de Fora, 2010

PASCHOALINO, Jussara B. Q. **O professor desencantado: matizes do trabalho docente.** Belo Horizonte: Armazém de idéias, 2009

UNESCO. **O Perfil dos professores brasileiros : o que fazem, o que pensam, o que almejam** — / Pesquisa Nacional UNESCO, – São Paulo : Moderna, 2004